SEVEN publicações acadêmicas
EM PARCERIA COM: IEMS UNIASSELVI

Jurandir e Nietzsche: Niilismo na Amazônia

Oclécio das Chagas Lacerda
Doutor em Filosofia
Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
E-mail: ocleciolacerda@gmail.com

RESUMO
Neste artigo, pretendo realizar uma síntese das principais concepções desenvolvidas na minha tese de doutorado, defendida em agosto de 2022, com o título: "A recepção do pensamento de Nietzsche na obra literária da Dalcídio Jurandir". Para tanto, discorro sobre tais concepções, que devem, por sua vez, justificar a seguinte tese: os personagens protagonistas de Jurandir manifestam um tipo de niilismo, com signos e sintomas daquele niilismo europeu, diagnosticado por Nietzsche. Desta forma, logo de início, identifico o tipo de recepção da filosofia de Nietzsche, realizada por Jurandir. Em seguida, analiso a manifestação de niilismo nos seus romances, mais especificamente, em Chove nos campos de Cachoeira, Marajó e Belém do Grão Pará.

Palavras-chave: Niilismo. Nietzsche. Jurandir. Amazônia.

1 INTRODUÇÃO

A manifestação de niilismo nos romances de Jurandir pauta como problema inicial a pressuposição de que tal fenômeno tenha se propagado desde seu epicentro, a Europa, até o outro lado do atlântico, as Américas. Para justificar tal assertiva, compreendo o niilismo europeu como uma "infecção contagiosa", a se espalhar por todos os continentes do globo. E, uma das formas de propagar este "contágio niilista" é por meio da recepção das obras de autores "contaminados", dentre as quais se insere os escritos nietzschianos. Por isso, é necessário, antes de tudo, justificar a existência da recepção da filosofia de Nietzsche nos romances de Jurandir, o que é possível com a identificação das referências ao filósofo feitas pelo romancista.

Em seguida, investigo a manifestação do niilismo, quanto a seus sintomas, nos personagens literárias de Jurandir, que estão diretamente associados a sofrimentos, perturbações psíquicas e condutas contraditórias. Tais sintomas, identificados nos personagens protagonistas, Eutanázio, Missunga e Alfredo, se manifestam principalmente nos momentos de devaneios dessas pessoas literárias, divididas entre o mundo urbano, moderno, centralizado no progresso e o mundo rural, colonizado e periférico, das florestas e dos rios. Assim, com a identificação desses sintomas, busco demonstrar que tais personagens foram "contaminadas" por uma "infecção" niilista na Amazônia.

O personagem Eutanázio é descrito por Jurandir como um herói decadente, repleto de angústia e solidão, que alimenta dentro de si profundo ódio e asco do mundo, assim como autodesprezo e autoaniquilamento. Em seus devaneios, Eutanázio vive um sofrimento sem perspectiva de cura, salvo pela morte. Já Missunga é o desregrado e irresponsável herói, filho do poderoso detentor de terras, na Ilha do

Marajó, coronel Coutinho, caracterizado por suas transformações repentinas, diretamente associadas a sentimentos niilistas. E o personagem Alfredo é descrito como aquele que possui uma sobrecarga emocional, o que o faz, a todo momento, viver em um tumulto de sentimentos niilistas.

2 A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE NOS ROMANCES DE JURANDIR

Num texto publicado postumamente, e também num artigo e numa resenha para revistas e jornais, escritos entre os anos de 1929 e 1942, Nietzsche não somente é citado, como há, nesses escritos de Jurandir, diversas reflexões sobre as obras do filósofo alemão, são elas, *Assim falou Zaratustra*, *A Gaia ciência* e *O nascimento da Tragédia*. A identificação dessas referências comprovam a existência de uma interseção entre os escritores, o que, por sua vez, justifica a recepção. Deste modo, seguindo uma ordem cronológica, a primeira referência direta a Nietzsche, feita por Jurandir, foi em 1929, por ocasião da morte de um membro de sua geração de escritores paraenses, o poeta Antônio Tavernard, falecido precocemente aos 28 anos, vitimado pela tuberculose. Neste texto, Jurandir (1998, p. 46) qualifica a solidão de Tavernard como uma solidão nietzschiana: "A sua arte deformada e por isso mesmo trágica, cheia de altos e baixos saturou-se de um pessimismo inoculável na sua solidão. Solidão nietzscheana, como se Tavernard morasse no alto da montanha entre Zaratustra e a *Gaya Ciência,* embriagado de amplidões…".

Em outro artigo, de 1942, publicado no jornal *Diretrizes* e intitulado "John Dewey e a ridícula agressão do sr. Tristão de Ataíde", Jurandir se refere a Nietzsche para combater a divulgação da ideologia nazifascista no país. As ideias nietzschianas são utilizadas pelo romancista para fundamentar sua atitude combativa. A referência ao filósofo alemão é utilizada por Jurandir em sua crítica a Tristão de Ataíde, descrito, neste artigo, como um falso católico, que se utiliza da fé para promover a divisão da Igreja, um intelectual da falsa cultura, responsável por abrir as portas do país para o movimento nazifascista. Deste modo, afirma Jurandir (1942, p. 21): "O intelectual cultiva sua carapaça, sua máscara de morte. Ele trabalha com uma atenção constante, a ornamentação de sua tumba, mas a personalidade dramática do Homem, tal como pensou Nietzsche, [...] não está nesta máscara grotesca".

Ainda no ano de 1942, Jurandir publica, também no diário carioca *Diretrizes*, uma resenha crítica, intitulada "Nietzsche e a caricatura nazista do super-homem". Neste texto sobre o livro *Nietzsche,* do escritor americano Crane Briton, o romancista demonstra ser um leitor assíduo de *Assim falou Zaratustra,* preocupado em desmitificar aquela interpretação equivocada que perdurou nas recepções das primeiras décadas do século XX, da suposta relação do filósofo com o nazismo alemão.

Nesta resenha, Jurandir afirma que o livro de Briton não se trata de um estudo neutro ou imparcial, mas que assume posição de combate contra as apropriações nazistas feita das obras nietzschianas. Argumenta ainda que Hitler teria se apropriado do que há de mais artístico na filosofia de Nietzsche, para impor à Alemanha e ao mundo os ideais nazistas ultrarreacionários e racistas. Para Jurandir (2015, p.144):

“Hitler, à falta de uma doutrina e de justificações históricas para a sua tática política, recorreu a Nietzsche para pregar e executar o domínio ultrarreacionário e racista sobre os homens.”.

As reflexões desenvolvidas por Jurandir sobre o pensamento nietzschiano demonstram ter havido um estudo de sua obra por parte do romancista, o que permite afirmar a existência de uma recepção completa, pois segundo Heller, este tipo de recepção é quanto à “forma filosófica”. Ela é também compreendida como uma recepção estética, uma vez que tem um efeito “catártica” no receptor, que recebe a obra filosófica como algo belo. Por isso, Heller (1983, p.35) também a denomina de “recepção estética, em que “a ideia não estimula, em primeiro lugar, outras ideias, mas *sentimentos*”. Jurandir realiza, então, uma recepção “catártica” da forma filosófica nietzschiana, que se objetiva nos devaneios e atitudes contraditórias de seus personagens protagonistas. Esta transposição do domínio da filosofia para a arte ocorre por meio do estímulo de sentimentos, que são transformados, nos romances, em experiências vividas, modos de vida e concepções de mundo das pessoas literárias.

A recepção completa não pode ser resultado de leituras aleatórias, mas exige conhecimentos provenientes de estudos organizados. Então, a próxima questão seria: como Jurandir leu Nietzsche? Podemos chegar a essa resposta, ao analisarmos a forma como o romancista lê suas fontes. Jurandir é um ávido leitor de escritores estrangeiros e brasileiros, que nutrem suas concepções sobre a Amazônia, a florescer um seu ciclo romanesco. Sua metodologia de leitura coincide com a tendência própria dos escritores modernistas, cuja maior expressão é o “projeto antropofágico”, liderado por Mário de Andrade.

A avidez das leituras de Jurandir não significa aleatoriedade, mas são partes de um projeto romanesco que levou a cabo em todos os momentos de sua vida, inclusive quando esteve encarcerado, por três meses, vítima da ditadura militar, por denunciar as atrocidades do nazifascismo e sua ameaça ao Brasil, e também por defender a revolução socialista no País, quando, em 1936, se filia ao Partido Comunista e milita no movimento da Aliança Nacional Libertadora. Jurandir (2006, p.33) escreve à sua esposa, Guiomarina: “Manda-me o 2º fausto de Goethe, em francês – capa verde”. Em outra carta, o injustiçado prisioneiro demonstra sua maneira de ler, como um estudo, e seu tipo de leitura que mistura literatura brasileira com estrangeira: “Vai *Mundo mortos* – que consegui ler por alto e *Mixuangos* que não li [...] vê se achas o *comedor de ópio,* [...]. Manda [...] procurar [...] os livros *Negros brasileiros* e *Religiões Negras* que preciso estudar aqui.” (*Ídem*)

A partir dessas constatações, posso, então, afirmar que a filosofia nietzschiana está presente na literatura de Jurandir enquanto “forma filosófica”, que se objetiva em tempo e território distintos daqueles no qual foi gestado, o que justificaria a hipótese, segundo a qual, o problema da modernidade amazônica, presente no ciclo romanesco de Jurandir, pode ser interpretado, pelo estudo da recepção, como uma ressignificação estética do diagnóstico nietzschiano da Europa moderna.

E ainda, a atividade literária de incorporação de escritos estrangeiros, realizada por Jurandir, conduz

a afirmação de que a recepção da filosofia de Nietzsche nas suas obras pode ser definida como uma apropriação das análises teóricas da modernidade europeia, que são ressignificadas em uma parte bem específica do Brasil, a Amazônia. A finalidade desta "recepção antropofágica" seria promover uma transformação nas estruturas da organização social da Amazônia pós-colonial. Empreendimento que, no contexto do modernismo de Jurandir, teria sua gênese em uma estética renovada, cujo pressuposto fundamental é a valorização do caráter intuitivo de apreensão da realidade amazônica, capaz de promover uma "renaturalização" de seus habitantes, assim como uma transformação radical no modo de vida moldado pela cultura ocidental.

Para compreender a recepção é também importante examinar o contexto histórico de sua ocorrência. Pois, desde o final do século XIX, a obra do filósofo alemão é amplamente divulgada pela imprensa brasileira. No início do século XX, seus principais livros circulam pelo país em língua portuguesa[1]. Apesar de haver resistência nos círculos formais, a composição poética da filosofia nietzschiana faz com que muitos artistas do novo mundo incorporem suas ideias nos mais diversos tipos de produções artísticas, como na literatura, na poesia, no teatro, na música e no cinema. Esta recepção do pensamento de Nietzsche, fora do circuito acadêmico, protagoniza a defesa de seu pensamento contra os ataques infundados.

No Brasil, principalmente a partir de 1930, com a inserção da crítica social e cultural nos escritos literários, temos muitos autores "reinterpretando" Nietzsche e o afastando dos estigmas do nazismo e da loucura. Entre esses escritores está Jurandir, com romances que, embora apresente traços do romantismo, foram construídos no contexto da literatura modernista. E, uma das características desta escola literária é a apropriação dos instrumentos de análises dos europeus, com o intuito de criar condições para o surgimento de concepções genuinamente brasileiras.

3 SINTOMAS DE NIILISMO NOS PERSONAGENS LITERÁRIOS DE JURANDIR

Feito as considerações do contexto histórico da recepção de Nietzsche no Brasil, sigo com a análise dos três romances de Jurandir, *Chove nos campos de Cachoeira, Marajó* e *Belém do Grão Pará.* Esta análise se concentra nos monólogos interiores dos personagens protagonistas, por terem maior manifestação na narrativa. Nestes monólogos identifico a recorrência de conflitos que manifestam certos sofrimentos e perturbações, compreendidos como signos e sintomas de niilismo. Os signos são palavras escritas nos romances que remetem ao niilismo, e os sintomas são sentimentos e perturbações desses personagens, identificados como niilistas.

Em *Chove nos campos de Cachoeira,* o personagem de destaque é Eutanázio, que reúne de forma

[1] C.f. G. Dias, "'Nietzsche, intérprete de Brasil'? A recepção de Nietzsche na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do século XX", *Cadernos Nietzsche*, vol. 01, n. 35, Dec. 2014, pp. 89-107. E ainda: L. Rubira. "Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacionalismo-socialismo ao Grande Reich Alemão", *Cadernos Nietzsche*, vol. 37, n. 03, Oct/Dec. 2016, pp. 18-64.

poética, nos pensamentos e nas atitudes, os conflitos sociais, políticos e humanos dos habitantes da Amazônia, no início de século XX. Tais conflitos florescem e se intensificam, em Eutanázio, à medida em que mantêm uma postura reativa, de total negação a qualquer submissão. Homem branco, que se recusa a viver como tal, um anti-herói repleto de angústia e solidão, esse protagonista é consumido por sentimentos disruptivos, que se manifestam como ódio e asco do mundo e também como um desprezo de si. Na solidão de sua rede, em um cômodo escuro do chalé onde vive, é acometido por intensas perturbações que o levam, por meio de uma autoanálise, a concluir ser um hipocondríaco. Assim, afirma Jurandir (2019, p.41): "Trouxe de Belém uma palavra que só pronunciava para si, achada num velho dicionário: hipocondríaco. Todos os dias repete várias vezes a palavra".

Os sofrimentos de Eutanázio ganham destaque na narrativa a partir do momento em que é contaminado pela sífilis, doença do homem branco, desconhecida pelo caboclo amazônico e envolvida por uma série de valorações cristãs, dentre essas aquela que nega os apetites sexuais. Assim, o doente recusa compreender sua enfermidade e não busca uma cura para ela. Eutanázio, em seu aparente senso comum, conclui ter uma "doença da alma". Essas perturbações levam Eutanázio a produzir devaneios. Numa de suas caminhadas, quando intensamente perturbado pelos rechaces de sua amada, a jovem Irene, encontra-se com um bêbado que o questiona sobre os livros e o ser humano, que viveriam, de acordo com este misterioso transeunte, às margens da consciência. Jurandir (2019, p.51) narra este momento, nos seguintes termos: "Diga... Por que os... livros ficam... Ficam... À margem? Por que também... O homem... Fica também... Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência?" [2]

Eutanázio também desenvolve um pessimismo profundo. E um dos momentos em que esse sentimento se manifesta com toda sua intensidade é quando, na janela do chalé, perturbado pela presença da curandeira Gemi, que insiste em convencê-lo a aceitar os remédios para sua doença, recorda de ter encontrado, nas livrarias em Belém, o livro *Dores do Mundo,* de Schopenhauer. Neste sentido, afirma Jurandir (2019, p.32): "Ele na janela começou a pensar num livro que vira nas livrarias em Belém. Lembra-se bem. Dores do Mundo, o título. O autor era um nome difícil. Não queria saber do autor, queria saber do livro.". E esse pessimismo se mistura ao sentimento de náusea, coagindo Eutanázio a um silêncio profundo.

O pessimismo e a náusea de Eutanázio se associam a um desejo de solidão, que desperta as memórias mais distantes e traumáticas, conduzindo-o a compreender sua existência como estando à margem da vida a ser assumida, de homem branco, herdeiro dos colonizadores. Essa recusa em aceitar o modo de viver ao qual é impelido pela sua posição social, traz a dúvida na consciência adoecida do andarilho das florestas se não é apenas a sífilis a causa de seus sofrimentos, mas algo herdado desde seu nascimento, como descreve Jurandir (2019, p.31): "Quem sabe sua mãe não botou ele no mundo como se bota um excremento?".

À medida que os sentimentos niilistas se intensificam em Eutanázio, este personagem se vê como

[2] Pode-se fazer aqui diversas intercessões entre o bêbado de Eutanázio e o bêbado de Zaratustra.

um homem impuro, apodrecido por dentro. E essa compreensão adoecida de si aprofunda a solidão, o autodesprezo e a náusea, a ponto do enfermo desenvolver, em sua interioridade, um desejo de matar. Nesta condição de profundas perturbações, Eutanázio planeja assassinar a prostituta que o transmitiu sífilis e, em seguida, se suicidar. Mas, logo desiste do plano, ao pensar na terrível realidade de extrema pobreza em que Felícia vive.

A postura de Eutanázio em não aceitar a cura para a doença e preferir morrer lentamente, não impedindo a aproximação da morte, indica para um processo passivo de eutanásia, como se sua vontade estivesse inscrita em seu próprio nome. Sendo assim, a morte deste personagem corrobora a tese nietzschiana de que a vontade é causalmente determinada, ou seja, a vontade não é livre, como pensam os defensores do livre arbítrio, por isso, não é a ação resultante que a determina, mas um complexo de relações corporais, como afirma Nietzsche (1992, p.24): "a sensação do estado que se deixa, a sensação do estado para o qual se vai, a sensação desse 'deixar' e 'ir' mesmo, e ainda uma sensação muscular concomitante [...]"[3].

O próximo protagonista a ser analisado é Missunga, personagem presente num único romance de Jurandir, *Marajó,* que narra uma história independente da saga principal, do protagonista Alfredo. Porém, de acordo com seus intérpretes, essa narrativa, pelas circunstância em que foi escrita – quase paralelamente ao primeiro romance do Ciclo, *Chove nos campos de Cachoeira* e por menções feitas pelo próprio autor em cartas e entrevistas[4] –, é considerada o segundo romance do Ciclo do Extremo Norte.

O jovem Missunga, apelido que designa o menino branco com linguagem de negro, é filho de Coronel Coutinho, grande proprietário de terras na localidade. Este protagonista é inundado por emoções disruptivas e por pensamentos contraditórios, que interferem na sua conduta, proporcionando um tipo de mal-estar crescente. Pode-se demarcar o momento de intensificação desses sentimentos quando o jovem Coutinho decide implementar, em uma das fazendas de seu pai, o projeto de colônia agrícola, que denomina "Felicidade".

Em vários momentos, quando tenta desenvolver seu projeto, Missunga é acometido por sentimentos perturbadores, como o desassossego, que adquire intensidade à medida que o empreendimento se materializa. Mas, quando o jovem se depara com o aumento do número de pessoas aglomeradas no sítio, em busca de trabalho, começa a refletir intensamente sobre sua inabilidade em coordenar aquele ajuntamento de pobres e miseráveis, extremamente dependentes de seus recursos financeiros, o que promove

[3] Sobre a concepção de um "determinismo fisiológico" em Nietzsche, consultar: B. Leiter. "A teoria nietzschiana da vontade", *Cadernos Nietzsche*, vol. 38, n. 03, setembro/dezembro, 2017, pp. 17-49.

[4] Trata-se de uma entrevista realizada por Eneida de Moraes e publicada no jornal *Folha do Norte*, em 23/10/1960, quando Jurandir, no "bate-papo" que antecedeu às perguntas, insere *Marajó* no Ciclo romanesco, como prolongamento de *Chove nos campos de Cachoeira.* Nesta entrevista, o escritor compreende sua primeira narrativa como "embrionária", pois dela nasce todos os temas dos romances seguintes, inclusive *Marajó*: "Toda a série de romances que estou escrevendo não é nada mais que o desenvolvimento dos temas apresentados ou esboçados em *Chove nos campos de Cachoeira*, aparecido em 1941" (E. Moraes, "Eneida entrevista Dalcídio", *Revista Asas da Palavra*, vol. 03, n. 04, junho de 1996, p. 32).

"dilatação" da consciência e deformação dos pensamentos, tal como descreve Jurandir (2008, p. 199): "[...] ouvindo as mulheres limparem as tripas da vaca, [...] Missunga sentia crescer o seu desassossego. [...] Os quartos de carne vermelhavam estranhamente ao sol e pareciam aumentar de tamanho [...], sangrentas e magras".

O jovem protagonista tenta, apegando-se a sua companheira Alaíde, se livrar do desassossego e do medo, que aumentam cada vez mais a ponto de provocar insônia. Nas noites sem dormir busca apoio em Alaíde, que dorme feliz pelo convívio com seus pares caboclos. Diante do sono profundo daquela que poderia ser a principal pessoa capaz de dar alguma segurança e amenizar suas perturbações, resolve não acordá-la, momento em que floresce a solidão. E assim, sentindo-se completamente solitário, sem uma companhia para caminhar pela floresta, conforme narra Jurandir (2008, p. 202), que Missunga "ficou só, fumando, lembrou-se do velho Felipe e da Bíblia. Sua insônia, como uma traição, conspirava contra a paz e a esperança dos que dormiam". A insônia, o medo e a solidão se misturam, na interioridade de Missunga, a um desejo de fuga. O jovem Coutinho devaneia com a possiblidade de abandonar o projeto e ir morar num lugar distante dentro da floresta.

O fim de "Felicidade" amplia o processo de negação, que se desenvolve no mundo interior de Missunga e o constrange a negar tudo aquilo que o remete a este falido projeto. O jovem Coutinho então acredita que as perturbações e os sentimentos disruptivos estão diretamente associados à submissão exercida pelo pai, que, por sua vez, continua a insistir incessantemente para o filho retornar a Belém. Então, Missunga planeja romper com o pai, mas essa ruptura radical não é possível, pois para tanto precisaria romper consigo mesmo. E, a prova dessa impossibilidade do jovem surge quando chega a carta de Lafaiete comunicando a morte do Coronel, que deixou para seu único filho toda a herança. Assim, não conseguindo negar a si mesmo, como fez Eutanázio ao se entregar à morte, Missunga aceita a condição de receptáculo da submissão, o que diminui, mas não elimina, seus sintomas niilistas.

O terceiro e último protagonista a ser analisado é Alfredo, principal personagem do Ciclo do Extremo Norte. A análise se concentra nessa pessoa literária no momento em que, ainda menino, chega a cidade de Belém, vindo de Marajó para dar continuidade aos seus estudos. O início das aventuras e desventuras de Alfredo na metrópole amazônica é narrado no romance *Belém do Grão Pará*[5]. Neste primeiro momento na cidade, o protagonista é acometido por um intenso sentimento da solidão, que se manifesta primeiramente como saudade do ambiente rural marajoara e de sua família, especialmente da mãe. Mas, com o passar do tempo, esse sentimento se desenvolve, provocando perturbações. Porém, quanto mais Alfredo aprofunda sua vida na cidade, mais a saudade se transforma em solidão, momento em que começa a sentir medo, como descreve Jurandir (2005, p.112): "solidão na casa alheia, saudade, cabelo crescendo, o medo do exame –

[5] A partir deste terceiro livro da saga, Alfredo se consolida como personagem central do Ciclo, momento em que inicia a narrativa urbana, que avança por mais seis romances.

cadê o estudo? –, aquela preocupação pela mãe. Que estaria fazendo ela no chalé?".

Na cidade, Alfredo desenvolve ainda o sentimento de obscuridade. O distanciamento dos rios e da floresta desperta no menino uma visão obscura de seu novo ambiente. Como se estivesse afastado da luz e passasse a ver todas as coisas em forma de sombra. Essa escuridão não está nos objetos, mas na sua interioridade. Porém, Alfredo, confuso, sente que as trevas emanam dos casarões de arquitetura portuguesa, situados nas estreitas ruas do bairro da cidade velha, local onde iniciou a cidade de Belém, assim descrita por Jurandir (2005, p. 86): "Belém se fazia mais escura, apesar do sol, ou por isto mesmo aqueles casarões e aqueles silêncios o deixavam de coração escuro, o andar confuso. E, voltar dali, sabia?".

Acometido por perturbações e sentimentos de obscuridade, Alfredo começa a ter insônia. As vivências na cidade transformam o ambiente urbano em um espaço mais familiar, o que aumenta seu afastamento da vida primeira em Marajó. O garoto consegue manter certo distanciamento da vida rural, mas é constantemente inundado por lembranças e saudades dos rios e da floresta. Alfredo vive, em seu mundo interior, uma relação conflituosa entre ambientes contrários e isso faz florescer, em sua interioridade, sentimentos negativos que o perturbam a ponto de interromper o sono, como é possível identificar na seguinte afirmação de Jurandir (2008, p. 386): "Espiou o tempo, clareava. Deitou-se de novo, pois repentinamente escurecia tudo em seu coração, sim, lhe veio uma tristeza sem mais nem menos, um gosto de chorarzinho bem sentido, [...]".

Na cidade de Belém, Alfredo desenvolve ainda o sentimento do desamparo. O afastamento de Marajó e de sua mãe, assim como o deslocamento para um outro ambiente não familiar são responsáveis pelo florescimento de uma ausência profunda no menino marajoara. O desamparo de Alfredo surge desta dupla ausência, de Marajó e de um novo ambiente que possa se sentir em casa. O ambiente urbano não consegue substituir o ambiente rural. E, mesmo vivendo a cidade, de forma intensa, o garoto não consegue impedir conflitos com sua vida primeira, que afloram, principalmente à noite, na hora do sono, provocando sentimentos desagradáveis.

O mundo interior de Alfredo começa a se desagregar e se mistura com a ruína da casa para onde foram morar, na estrada de Nazaré. Então, acometido pelo sentimento de ruína interna, o protagonista sente que suas forças se desagregam em busca daquela vida natural, que a cada dia parece mais distante. Resta, então, o retorno a Marajó e levar até as últimas consequências essa negação ou aceitar conviver com esses sentimentos negativos, que florescem em decorrência de sua vida na cidade.

Alfredo decide viver nas periferias de Belém, com os caboclos. E, mergulhado nesses sofrimentos e perturbações, o personagem busca um meio termo entre a total negação do mundo e de si e a alienação de suas forças em troca de sobrevivência. As caminhadas pela cidade, a mudança de residência do centro para os bairros periféricos, as viagens de férias para Marajó mantêm as memórias vivas, que funcionam como resistência à vida moderna, sem negá-la por completo, mas convivendo com ela, vivenciando-a, para quem

sabe encontrar outro caminho, capaz de diminuir ou eliminar esses sentimentos negativos. Dessa forma, Alfredo desenvolve um tipo de convivência com o niilismo, isto é, o personagem assume a atitude de resistência a esse fenômeno. Tal atitude que o garoto encontra em seus pares, os personagens populares.

O grande números de personagens populares, homens e mulheres, produzem, nas narrativas de Jurandir, um entrecruzamento de vozes e atitudes, passando a impressão de não haver apenas um protagonista, mas vários, o que torna os romances densos e de difícil compreensão. Essas diversas pessoas literárias são ressignificação estética das pessoas comuns, os caboclos, especialmente os afro-indígenas, trabalhadores, desempregados, pobres e miseráveis, descendentes da escravidão. São esses habitantes da Amazônia, com seus valores, que Jurandir (1996, p.33) denomina de "aristocracia de pé no chão".

A aristocracia de pé no chão é, assim, representada por personagens que inundam as narrativas de Jurandir com vozes e ações, portadores de um conjunto de valores afro-indígenas, provenientes das vivências nos rios e nas florestas. Esses personagens são os legítimos representantes da "cultura" amazônica, que deve se sobrepor à cultura ocidental, o que ocorreria por uma "revolução transvalorativa", capaz de fazer dos aristocratas de pé no chão os protagonistas políticos da Amazônia.

4 CONCLUSÃO

Com este estudo de recepção foi possível inferir que existe um problema próprio da modernidade, presente tanto na filosofia de Nietzsche quanto na literatura de Jurandir, a saber, o problema do niilismo. Pois, resguardando as especificidades e as diferenças, em relação ao tempo, ao espaço e ao tipo de produção textual desses autores, é possível identificar, na ficção romanesca de Jurandir, signos e sintomas do niilismo que, pela perspectiva de recepção, possibilitam uma interseção com a concepção filosófica de Nietzsche sobre este fenômeno na Europa de seu tempo. E, ainda, é também possível afirmar a existência de um "niilismo amazônico", com características próprias, que o distingue do niilismo europeu. Pois, nos personagens protagonistas de Jurandir, o fenômeno niilista está diretamente associado à negação dos valores coloniais que, por sua vez, são valores cristãos, justificados pelo colonizador como valores elevados. Então, negar tais valores significa também negar o homem branco europeu e seus descendentes. Com isso, posso ainda afirmar que a colonialidade imprime diferenças quanto à solução proposta a este problema da modernidade. Enquanto Nietzsche, diante da ruína dos valores morais vigentes, propõe uma transvaloração, isto é, a criação de novos valores, diretamente associados a sua ideia de vontade de potência, Jurandir se direciona para os valores dos povos amazônicos colonizados, os afro-indígenas, que poderiam conduzir a Amazônia com uma "aristocracia de pé no chão", isto é, com um tipo de governança cabocla.

REFERÊNCIAS

DIAS, Geraldo. ‘Nietzsche, intérprete de Brasil’? A recepção de Nietzsche na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do século XX. Cadernos Nietzsche, v. 1, n. 35, p. 89-107, dez. 2014. Disponível em: https://www.cadernosnietzsche.com.br. Acesso em: 20 jan. 2019.

HELLER, Agnes. A filosofia radical. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de Cachoeira. 8. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

JURANDIR, Dalcídio. Nietzsche e a caricatura nazista do super-homem. Cadernos Nietzsche, v. 36, n. 2, p. 143-148, 2015. Disponível em: https://www.scielocniet.com.br. Acesso em: 15 jun. 2018.

JURANDIR, Dalcídio. Marajó. 4. ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008.

JURANDIR, Dalcídio. Belém do Grão Pará. 4. ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2005.

JURANDIR, Dalcídio. Antônio Tavernard. Revista Asas da Palavra, v. 4, n. 19, p. 41-43, 1998.

JURANDIR, Dalcídio. John Dewey e a ridícula agressão do sr. Tristão de Ataíde. Diretrizes: Política, Economia, Cultura, n. 131, p. 8, 21, 31 dez. 1942. Disponível em: http://www.memoriajurandir.com.br. Acesso em: 6 abr. 2019.

LEITER, Brian. A teoria nietzschiana da vontade. Cadernos Nietzsche, v. 38, n. 3, p. 17-49, set./dez. 2017. Disponível em: http://www.cadernosnietzsche.com.br. Acesso em: 22 mai. 2022.

MORAES, Eneida. Eneida entrevista Dalcídio. Revista Asas da Palavra, v. 3, n. 4, p. 32-33, jun. 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Tradução de Paulo Cézar de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo Cézar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo Cézar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUNES, B.; PEREIRA, R.; PEREIRA, S. R. Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

RUBIRA, Luís. Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacionalismo-socialismo ao Grande Reich Alemão. Cadernos Nietzsche, v. 37, n. 3, p. 18-64, out./dez. 2016. Disponível em: https://www.cadernosnietzsche.com.br. Acesso em: 6 abr. 2019.